
A divulgação científica na Universidade Federal de Alagoas: a popularização da ciência em prol do desenvolvimento local¹

Magnolia Rejane Andrade dos SANTOS²
Raysa Beatriz da Silva LEMOS³
Fernanda Lins de LIMA⁴
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

A presente comunicação realiza uma reflexão sobre o papel da divulgação científica como motor propulsor para o desenvolvimento local, através da popularização da ciência. A partir de autores como Araújo (2022 e 2010), Souza (2022) e Targino (2014), entre outros, foi feita a análise das estratégias e meios de divulgação científica da Universidade Federal de Alagoas(Ufal). A universidade tanto é um repositório de informações essenciais para o enriquecimento da população, quanto é produtora de subsídios para gestores e empresários fundamentarem quaisquer propostas de desenvolvimento social, cultural, econômico e/ou político em termos locais. Sob esse enfoque, analisamos as ferramentas e ações de divulgação do Museu Théo Brandão (MTB), do Museu de História Natural(MHN), da Expedição Científica ao Rio Francisco e da Editora da Ufal (Edufal).

Palavras-chave: Divulgação científica; Comunicação para o desenvolvimento; Popularização da ciência; Democratização da informação. Ufal.

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), desde 2010, Alagoas ocupa o último lugar no ranking nacional no Desenvolvimento Humano (IDH), com índice de 0,631. De lá para cá, inúmeras políticas para alavancar o desenvolvimento estadual têm sido implementadas e já se comemoram a melhoria de índices tais como violência urbana, educação e arrecadação de impostos, sem que tenha ocorrido alguma mudança estrutural significativa. O que coloca em evidencia a urgente necessidade de ações que possibilitem a mudança real das condições de vida da população. Nesse contexto, a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) tem tido papel fundamental para contribuir para o desenvolvimento local, não só na formação de parcerias

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local no XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFAL, e-mail: magnolia@reitoria.ufal.br.

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFAL, e-mail: raysablemos@gmail.com.

⁴ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFAL, e-mail: flinslima@gmail.com

interinstitucionais e na implementação de projetos de extensão, mas também na promoção da popularização da ciência e da tecnologia para todos(a) alagoanos(as).

Para além do jornalismo científico, praticado pela Assessoria de Comunicação (Ascom) da instituição, essa pesquisa se propõe a sistematizar outras formas interdisciplinares de divulgação científicas nas diversas instâncias da Universidade. Nesse caso, a informação científica pode ser acessível a partir de alguns equipamentos e ações, que mantém canais de comunicação abertos com a população. Nesse caso, a informação científica não é equivalente a uma notícia, podendo se configurar como um conjunto de ações ou eventos. Essa abordagem permite aproximação da divulgação científica com a ciência da informação, que também pode se constituir como fator de desenvolvimento. Sob essa perspectiva, foram escolhidos para a análise descritiva três equipamentos culturais: o Museu Théo Brandão (MTB), o Museu de História Natural (MHN) e a Editora da Ufal (Edufal) e um evento itinerante, a Expedição Científica ao Rio São Francisco.

2 O MUSEU COMO EQUIPAMENTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Os museus, bem como as bibliotecas e arquivos, são instituições milenares diretamente ligadas à cultura. Inicialmente a preocupação dessas unidades de informação era voltada essencialmente para a preservação, contudo, ao longo do tempo, suas atenções passaram para a organização, acessibilidade e produção da informação e do conhecimento (ARAÚJO, 2010, 2011).

Diante do exposto, os museus são locais que objetivam, não apenas a preservação dos objetos museológicos, mas também a sua interpretação. Os objetos são diversos e cada um contém seu próprio contexto e relevância histórico-cultural. Sendo assim, além do aspecto técnico da conservação, os museus possuem caráter social, por serem guardiões da memória e cultura de nações e grupos sociais.

Segundo Kellner (2005), a pesquisa, a guarda de acervo e as exposições são as atividades centrais desenvolvidas pelos museus. Para o autor, o ideal é que a primeira atividade seja desempenhada por profissionais exclusivamente destinados para esse fim. A guarda de acervo consiste na principal atribuição dos museus, pois este local atua como um repositório de objetos importantes para a compreensão do mundo e da realidade que nos cerca. Já as exposições devem ser disponíveis para visitação do público em geral,

com acesso gratuito ou pago, ao contrário de coleções didáticas em universidades ou particulares que são restritas.

Nesse contexto, o acervo constitui-se como parte imprescindível dos museus por conter objetos museológicos. Estes, por sua vez, são responsáveis por transmitir variados significados. Sob esta perspectiva, os acervos museológicos “[...] veiculam tacitamente informações de cunho histórico, político, *científico*, social e cultural [...]” (PADILHA; CAFÉ; SILVA, 2014, p. 71, grifo nosso).

É válido destacar o espaço museológico como transmissor e divulgador da informação científica. Sendo assim, entendemos o museu e as exposições como um local propício para a divulgação científica, tendo em vista a sua função social e o fato de que os objetos museológicos, além de exprimirem sentidos históricos e socioculturais, podem atuar como recursos para a divulgação do saber e do científico.

Nas próximas subseções apresentaremos as ações de divulgação científica do MTB e do MHN da Ufal. Também abordaremos a Expedição Científica ao Rio São Francisco que, para os fins deste trabalho, é interpretada como um museu itinerante.

2.1 Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore

O MTB é uma organização cultural da Ufal dedicado às áreas de Antropologia e Folclore. Criado em 1975, o nome do MTB é uma homenagem a Theotônio Brandão Vilela, médico, professor, folclorista e antropólogo alagoano. Théo Brandão é o idealizador do MTB, o acervo do museu é composto por sua coleção particular de arte popular. Além da referida coleção, Théo Brandão doou outros diversos objetos museológicos para o MTB, tais como, fotografias, folgedos, itens da religiosidade popular, folhetos de cordel, livros e gravações sobre antigas manifestações da cultura popular (CHAVES, 2011; UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2022a).

A exposição permanente do MTB é formada por salas, cada uma conta uma história diferente relacionada ao estado e povo de Alagoas. A primeira sala é a “*Brava Gente Alagoana*” que contém dois painéis fotográficos. Essas fotografias mostram diversos aspectos do universo alagoano, tais como pessoas, objetos e manifestações culturais. Lá podem ser encontradas fotos de indígenas, lagoas, brincadeiras populares, folgedos, vaqueiros, entre outros. A segunda sala, intitulada “*O Fazer Alagoano*”, valoriza o artesanato local ao apresentar fotografias de artesãos trabalhando, suas técnicas

e materiais. Além disso, conta com 11 vitrines que exibem obras dos artesãos (CHAVES, 2012; SOUZA, 2019).

O terceiro espaço expositivo é a sala “*O Sabor Alagoano*”, onde localizam-se doze prateleiras com objetos, comooringas, pratos, pilões e vasos, referentes à culinária regional. Alguns desses objetos foram confeccionados por indígenas Kariri-Xocó, do município de Porto Real do Colégio (AL). A quarta sala, “*O Que Há de Novo*”, abrange objetos museológicos da arte popular contemporânea elaborados por artistas dos estados de Alagoas, Sergipe e Pernambuco (CHAVES, 2012; SOUZA, 2019).

O próximo espaço do MTB é a sala “*Fé*”, que conforme Souza (2019, p. 38) ocupa: “[...] dois espaços: no primeiro há uma exposição de ‘ex-votos’ pendente no teto e na segunda há uma instalação, no chão, com estátuas de religiões afro-brasileiras e do catolicismo popular, representando o sincretismo religioso.” A última exposição permanente, o *Festejar Alagoano*, dedica-se à exibição dos folguedos populares alagoanos e de elementos de blocos carnavalescos (SOUZA, 2019).

Nessa perspectiva, tanto as exposições permanentes quanto às exposições temporárias do MTB buscam, por meio de recursos folclóricos, culturais e antropológicos, inserir o usuário do museu a aspectos intrínsecos da cultura alagoana e nordestina. Dessarte, entendemos que as ações do MTB são de suma importância para a sociedade de Alagoas, pois o museu atua como um guardião da memória folclórica do estado.

Ademais, as exposições e atividades executadas pelo MTB são ferramentas de divulgação científica. Ao focar em questões folclóricas e antropológicas, o museu promove o compartilhamento de informação científica da área de ciências humanas para os seus usuários. Vale ressaltar que essa divulgação é realizada no espaço físico do MTB e nas redes sociais e site do museu, onde são a sua programação, elementos presentes nas exposições, eventos folclóricos e artísticos promovidos ou com participação do museu, dentre outros.

2.2 Museu de História Natural da Ufal

O MHN da Ufal foi criado a partir da Resolução nº 015/90, do Conselho Universitário da Ufal, no ano de 1990. Ele é um órgão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade. Nesse sentido, as atividades do Museu são ligadas às práticas

de pesquisa e extensão. A missão do MHN é “[...] contribuir para o enriquecimento científico do País, à medida que difunde os resultados de suas pesquisas [...]” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2022b, não paginado). Posto isto, o MHN é um museu ligado ao fazer científico.

O objetivo do MHN é “[...] desenvolver estudos e divulgar conhecimentos sobre os ecossistemas e recursos naturais do Estado [...]” (NASCIMENTO, 2015, p. 27). Tais conhecimentos são obtidos de duas formas: metodologia científica formal e conhecimento das populações tradicionais. As áreas de atuação e coleções do museu são: Zoologia, Botânica, Geociências, Arqueologia e Antropologia. É válido destacar o Laboratório de Taxidermia, que não se configura como uma coleção pois utiliza peças da Zoologia, mas exerce papel importante no museu por ter a tarefa de preservar os materiais coletados em pesquisas de campo, tanto para fins científico quanto para exposições e atividades educativas (NASCIMENTO, 2015). Os objetos museológicos que compõem as áreas do MHN encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1 - Objetos museológicos das áreas do MHN

<i>Área</i>	<i>Objetos museológicos</i>
Zoologia	Objetos oriundos de animais, tais como órgãos e ossos; materiais ligados aos animais, exemplo: soro antiofídico.
Botânica	Partes de seres vivos vegetais, como folhas, flores e caules.
Geociências	Rochas e fósseis.
Arqueologia e Antropologia	Esqueletos humanos e artefatos de sociedades do passado.

Fonte: Adaptado de Nascimento (2015).

O MHN atua como um espaço de educação não-formal, dessa forma as exposições do museu são utilizadas, por professores das redes pública e privada, como forma de auxiliar os conteúdos curriculares, o que estimula a curiosidade dos alunos ao mesmo tempo em que contribui para o aprendizado. Além disso, o MHN oferece suporte para os docentes e discentes da Universidade, tal como aos pesquisadores externos (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2022b).

Nesse íterim, é importante ressaltar as atividades de divulgação científica realizadas pelo museu. Conforme Nascimento (2015), as Exposições Permanente e Itinerantes são os meios educativos e de difusão científica mais expressivos. A Exposição

Permanente ocupa uma área de 230 metros quadrados e aborda o ambiente natural, contemporâneo e pré-histórico, do estado de Alagoas.

Já as Exposições Itinerantes contam com móveis próprios para o transporte e já foram realizadas em espaços como shoppings da cidade de Maceió e Biblioteca Central da Ufal. Outrossim o MHN, desenvolveu a série de *E-books* gratuitos “Conversando sobre Ciência em Alagoas”, em parceria com a Edufal, com o intuito de compartilhar informações acerca da ciência e da biodiversidade alagoana (NASCIMENTO, 2015).

É válido ressaltar que o MHN também realiza a difusão do conhecimento científico através do seu site e de redes sociais digitais. O museu possui perfis no *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* onde publica a sua programação, aborda temas relativos à biodiversidade, indica eventos culturais, livros e documentários, fala sobre suas áreas de atuação e coleções, dentre outros. Destacamos a série “Você Sabia?”, em que o MHN apresenta curiosidades do universo científico por meio de postagens semanais.

Assim como o MTB, o MHN participa ativamente das redes sociais digitais, com o uso de linguagem simples e objetiva. Entendemos que essa postura dos museus é benéfica, pois os aproxima de seus públicos, além de possibilitar que suas ações sejam divulgadas para o resto do Brasil, já que as redes sociais rompem com os limites geográficos.

2.3 A Expedição Científica ao Rio São Francisco

O Rio São Francisco, também conhecido como Velho Chico, é um dos rios mais importantes do Brasil, por ser essencial para o abastecimento de água potável e energia elétrica em diversos estados, e para a realização de atividades como navegação, pesca e agricultura familiar pela população da região. Conforme Guimarães, Landau e Barros (2015) o São Francisco é o maior rio brasileiro, sua bacia engloba os estados de Alagoas, Bahia, Goiás, Pernambuco, Minas Gerais, Sergipe e o Distrito Federal.

Destacamos que a região do Baixo São Francisco (BSF), localizada nos Estados de Sergipe e Alagoas, caracteriza-se como uma área repleta de conflitos, por conta do clima árido. Nessa localidade a água é o principal recurso utilizado pelas comunidades rurais. Nesse contexto, elementos como a pesca, poluição dos rios, desmatamento, construção de barragens e assoreamento exercem forte impacto na vida da população que habita essa região. O BSF apresenta graves problemas sociais e baixos índices de IDH (SOARES; SILVA; NAVAS, 2020).

É na região do BSF que ocorre a Expedição Científica ao Rio São Francisco, desenvolvida anualmente, desde o ano de 2018, pela Ufal. Por Expedição Científica entende-se:

[...] a coleta de dados e materiais científicos, espécimes biológicos e minerais, peças integrantes da cultura nativa e popular, presente e passada, obtidos por meio de recursos e técnicas que se destinem ao estudo, à difusão ou à pesquisa [...] (CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, 2022, não paginado).

Dessarte, as expedições científicas envolvem a inserção de pesquisadores em determinado espaço para o desenvolvimento de pesquisas e difusão científica. De acordo com Soares, Silva e Navas (2020) a Expedição Científica ao Rio São Francisco busca conhecer e disseminar a situação das comunidades ribeirinhas de municípios do Estado de Alagoas, além de investigar questões como problemas ambientais, qualidade da água, fauna e flora do Rio São Francisco, promover programas de educação ambiental e propor políticas públicas, a partir dos dados científicos obtidos pela Expedição, para a região do BSF.

Nessa conjuntura, a expedição científica é de suma importância para o desenvolvimento de pesquisas referentes ao Velho Chico e o diálogo entre universidade e sociedade, dado que os pesquisadores que integram a expedição estabelecem contato direto com a população ribeirinha dos municípios visitados.

Durante a expedição a equipe de pesquisadores desenvolve ações de educação ambiental como palestras, exibição de vídeos e dinâmicas em escolas da região do BSF, com o intuito de estimular o uso consciente dos recursos naturais, a cidadania e a conscientização dos alunos sobre a necessidade de preservar o meio ambiente. Destaca-se a doação de materiais como notebooks, caixas de som, materiais bibliográficos e educativos para escolas e alunos, e ações de promoção e educação em saúde bucal nas comunidades ribeirinhas (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2021).

Tais ações configuram-se como atividades de divulgação científica, visto que apresentam para a população ribeirinha informações científicas relevantes para a vida da população ribeirinha do BSF. O fato da Expedição Científica ao Rio São Francisco ir até os usuários, e não o contrário, para efetuar a divulgação científica nos faz interpretá-la como um museu itinerante. Esses museus são conceituados por Rocha e Marandino (2017, p. 50) como:

[...] projetos de divulgação científica que têm exposições e atividades implementadas, ou os que têm, na infraestrutura principal, veículos como carretas, caminhões, ônibus, micro-ônibus e vans, sendo eles usados para transporte ou espaço de exposição.

Ambos os fatores expostos pelas autoras são observados na Expedição ao Rio Francisco, pois o projeto realiza atividades que levam a ciência para a sociedade e utiliza, conforme a Universidade Federal de Alagoas (2019), o barco da expedição como local de exposição. Targino e Torres (2014) apontam que a comunicação de informações científicas possui papel significativo para a formação de conhecimento da população, pois estimula o senso crítico e de coletividade. Esses pontos são identificados na Expedição Científica ao Rio São Francisco, pois transmite para habitantes do BSF conhecimentos pertinentes sobre o ambiente em que vivem, sustentabilidade e hábitos para o cotidiano.

Portanto, a expedição é de grande relevância para o desenvolvimento de pesquisas referentes ao Velho Chico. Além disso, ao executar a divulgação científica aos moradores do BSF o projeto estimula a cidadania e apresenta a informação científica como fator que pode alterar, de forma positiva, a realidade dessa população.

4 EDITORA UNIVERSITÁRIA COMO EQUIPAMENTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

4.1 A Editora da Universidade Federal de Alagoas

A Edufal foi criada em 5 de outubro de 1983 como órgão integrante da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), com a missão de editar e divulgar trabalhos e publicações de interesse científico no Estado de Alagoas e, hoje, já se tornou uma instituição premiada em âmbito nacional (EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, [s.d]).

Ela faz parte das editoras que integram a Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu) e conta com a participação do Programa Interuniversitário de Distribuição de Livros (PIDL) na divulgação de livros, revistas e outros materiais voltados à produção acadêmica.

Como editora universitária, ela trabalha diretamente no tripé da divulgação do conhecimento científico, para que mais pesquisas sejam feitas e outras mantidas e sustentadas por uma literatura atualizada e acessível. A importância desse estudo

corroborar com a análise de Bufrem (2001, p. 130-131) sobre atividade editorial universitária:

[...] A importância da atividade editorial universitária como fator de incentivo e promoção para a atividade intelectual e superada a ideia antiga de gráfica universitária, vão se consolidando as atuais estruturas e se definindo linhas de atuação com base em políticas editoriais mais compromissadas com os objetivos universitários.

Essa movimentação editorial está ligada a sua finalidade de difusão e promoção do conhecimento junto à sociedade nordestina, brasileira e internacional (EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2020), que veremos melhor apresentadas na próxima seção.

4. 2 Ferramentas de divulgação científica utilizadas pela Edufal

Como um equipamento de divulgação científica universitária, a Edufal tem várias formas de expressão desse conhecimento gerado na academia, assim como a promoção das ações ligadas à Ciência alagoana; está em suas atribuições essa disseminação do conhecimento científico.

Como ferramentas de divulgação científica, a Edufal apresenta:

- *Catálogo*

Com mais de mil títulos em seu acervo bibliográfico, o catálogo da Edufal tem apresentado uma trajetória de subidas e descidas. Ele foi publicado no formato impresso de 2004 até 2013 e caracterizado como bilíngue, pois apresentava as sinopses de suas obras nas línguas portuguesa, espanhola e inglesa. Esse fator valia um alcance maior na comunidade pesquisadora nacional e internacional, assim como fomentava o desenvolvimento de sua ação de divulgação científica. De 2015 até 2016, ele foi produzido somente em forma virtual e em português. Atualmente o catálogo não está sendo mais produzido;

- *Site e-commerce e Repositório Institucional*

Com endereço eletrônico www.edufal.com.br, não segue a linha de hospedagem institucional, porque atua no ramo de *e-commerce* de livros. Essa característica do **.com** agrega uma expansão no acesso e disponibilidade de produtos editoriais. Há no site da Edufal 5.658 títulos cadastrados, sendo divididos com selo da Edufal e editoras

universitárias filiadas à Associação Brasileira de Editoras Universitárias (Abeu) e também editoras particulares.

A editora começou suas publicações eletrônicas em 2020, com o lançamento do Programa de Publicação de Conteúdos Digitais (PPC) que contemplou a publicação de 43 *e-books*. A Edufal também tem uma comunidade no Repositório Institucional da universidade. Seu endereço é: <http://www.repositorio.ufal.br/community-list>.

- *Redes sociais*

A editora tem os seguintes canais de divulgação: Instagram, Twitter, You Tube, Facebook, Google + e WhatsApp. Todas essas redes estão identificadas como “Editora da Ufal”. O Instagram é a rede social em que mais tem alcance e interação. Por essa rede, a Edufal apresenta suas publicações, lançamentos, eventos e parcerias para mais de 4 mil seguidores.

- *Traduções*

Outro aspecto de divulgação científica, diretamente ligada ao livro, é a política de traduções. A Edufal começou esta atividade em meados de 2009, quando o evento bienal tomou o caráter “internacional”. A editora traz em seu catálogo 12 (doze) traduções, sendo 10 (dez) de obras de origem francesa, 1 (uma) italiana e 1 (uma) espanhola.

Essas traduções foram geralmente feitas em coedição com a editora da Universidade de São Paulo e Editora Vozes. É um marco para a expansão da pesquisa e da divulgação científica em Alagoas. A Edufal é a pioneira nessa política de traduções.

- *Eventos*

Como última ferramenta, apresentamos os eventos produzidos pela Edufal. Eles se concentram nos lançamentos de livros, feiras e exposições em eventos acadêmicos, com destaque para o feirão de livros que trataremos na seção seguinte e a Bienal Internacional do Livro de Alagoas que contará com a décima edição em 2023.

4.3 A Edufal e a popularização do conhecimento científico: o caso do Feirão de Livros da Edufal

Destacamos o evento de Feirão de Livros da Edufal como uma ferramenta das mais estratégicas, utilizadas pela Editora da Ufal no âmbito da divulgação científica. Comumente realizado a cada início de semestre letivo, o Feirão de Livros é um evento que destaca a popularização do conhecimento científico, porque alcança os estudantes da

Ufal e de todas as instituições de ensino superior, fundamental e técnico do Estado, além de pesquisadores e profissionais liberais, como um todo.

Este evento acontece em Maceió e em outras cidades do estado, como Delmiro Gouveia, Santana do Ipanema e Arapiraca. Sempre oferecendo descontos de até 70% do preço de capa dos livros comercializados pela editora.

4.4 A atuação da Edufal no cenário editorial alagoano

A Edufal propaga o conhecimento científico através das vendas e doações dos livros às instituições de cunho público e privado, assim como, desempenha sua função social através do desenvolvimento e execução de projetos que estimulam e difundem a cultura da leitura para população e, em especial, para pessoas visualmente prejudicadas, com o Projeto Edufal em Braile

Em vista disso, faz-se necessário divulgar os serviços da editora para que as pessoas além de adquirirem o conhecimento desta, tenham a oportunidade de submeter seus trabalhos a avaliação e possível publicação. Bem como, atrair possíveis parceiros para a realização ou manutenção dos projetos da editora.

Tendo como missão norteadora publicar e divulgar autores alagoanos; resgatar as publicações clássicas de autores alagoanos, com a edição de coleções, como a Coleção Nordeste.

5 CONCLUSÃO

Esta análise de como tem sido implementada a divulgação científica na Universidade Federal de Alagoas, destacando os setores mais ligados à área da ciência da informação, revela como a popularização da ciência é um trabalho coletivo e interdisciplinar. Normalmente, essas ações nascem individualmente, a partir das necessidades de comunicação de cada setor, que tem autonomia relativa para desenvolver seu projeto. O que se conclui é que essas iniciativas são essenciais e prestam grande contribuição para a sociedade. Mas elas são dispersas e não estão articuladas a partir de um plano de popularização e divulgação da ciência alagoana, pelo menos a nível da instituição de ensino superior. Este plano poderia ser um dos braços da Política de Comunicação da Ufal, que ainda não foi nem sequer proposta.

Mesmo sendo de natureza mais descritiva, o presente estudo de caso possibilitou a abordagem da ciência da informação como fator de desenvolvimento e inclusão através da divulgação científica. Os pesquisadores das ciências humanas e sociais bem como das ciências da vida atuam, nesses ambientes analisados, também como comunicadores e produtores da informação científica. Considera-se que a gestão desse fluxo informacional ficaria a cargo do bibliotecário. Esse profissional da informação teria não só uma função técnica, mas também uma missão social de grande relevância inclusiva porque ele pode promover intensa vivência entre esses atores no espaço de tais equipamentos culturais e/ou durante a realização da atividade itinerante nas paradas da Expedição às margens do “Velho Chico”.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. A. Ciência da informação, biblioteconomia, arquivologia e museologia: relações teóricas e institucionais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 1, p. 173-189, jul./jun. 2010. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/4744> . Acesso em: 23 mar. 2022.

ARAÚJO, C. A. A. Ciência da informação como campo integrador para as áreas de biblioteconomia, arquivologia e museologia. **Encontros Bibli: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da informação**, Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 110-130, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2011v16n31p110> . Acesso em: 23 mar. 2022.

BUFREM, L. S. **Editoras universitárias no Brasil: uma crítica para a reformulação da prática**. São Paulo: Edusp, Com Arte; Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

CHAVES, J. C. **Uma biografia cultural da Sala Fé da exposição de longa duração do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore: ensaio de museologia científica**. 2015. 163 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015. Disponível em: <https://eg.uc.pt/handle/10316/32498> . Acesso em: 13 jun. 2022.

CHAVES, W. N. D. Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore: o espetáculo e a excelência. *In*: ENCUESTRO DE MUSEOS UNIVERSITARIOS DE IBEROAMERICA, 1.; ENCUESTRO DE MUSEOS UNIVERSITARIOS DEL MERCOSUR, 2., 2011, Santa Fe. **Anais** [...]. Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2011. Disponível em: <https://www.unl.edu.ar/iberoextension/dvd/archivos/ponencias/museos/completo/o-museu-theo-brandao-de-antr.pdf> Acesso em: 23 mar. 2022.

CHAVES, W. N. D. Identidade, narrativa e emoção no Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore. **Revista Antropológicas**, Recife, ano 16, v. 23, n. 2, p. 50-97, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas/article/view/23891> . Acesso em: 13 jul. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **O que é Expedição Científica**. 2022. Disponível em: https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/servicos/copy_of_expedicao-cientifica/apresentacao . Acesso em: 11 jul. 2022.

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Conheça a Edufal**. [s.d]. Disponível em: https://www.edufal.com.br/?page_id=23 Acesso em: 05 jul. 2022.

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Regimento da Editora da Universidade Federal de Alagoas**. Maceió: [Edufal], 2020.

GUIMARÃES, D. P.; LANDAU, E. C.; BARROS, C. A. Uso do Google Earth para a estimativa da extensão do Rio São Francisco. *In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO*, 15., 2015, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: INPE, 2015. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/888262/uso-jour-do-google-earth-para-a-estimativa-da-extensao-do-rio-sao-francisco>. Acesso em: 09 jul. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Portal do Governo Brasileiro – Brasil/AL**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/pesquisa/37/30255?tipo=ranking>. Acesso em: 18 de jul. 2022.

KELLNER, A. W. A. Museus e a divulgação científica no campo da Paleontologia. **Anuário do Instituto de Geociências**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 116-130, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/aigeo/article/view/6278/4875> . Acesso em: 30 mar. 2022.

NASCIMENTO, P. B. L. **O Museu de História Natural no portal da UFAL**: uma análise das notícias do 2º semestre de 2008 ao 1º trimestre de 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Jornalismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.

PADILHA, R. C.; CAFÉ, L.; SILVA, E. L. O papel das instituições museológicas na sociedade da informação/conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 68-82, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1889> . Acesso em: 25 mar. 2022.

ROCHA, J. N; MARANDINO, M. Museus e centros de ciência itinerantes: possibilidades e desafios da divulgação científica. **Revista do EDICC**, Campinas, v. 3, p. 49-58, abr. 2017. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/edicc/article/view/5220> . Acesso em: 11 jul. 2022.

SOARES, E. C.; SILVA, J. V.; NAVAS, R. **Apresentação: O Rio São Francisco, o baixo custo e as expedições científicas**. *In: SOARES, E. C.; SILVA, J. V.; NAVAS, R. (org.). O Baixo São Francisco: características ambientais e sociais*. Maceió: Edufal, 2020. p. 15-20.

SOUZA, I. F. **“Eu sou alagoano, aonde o Guerreiro mora”**: uma etnografia sobre o compartilhamento de fotografias de Guerreiro do arquivo etnográfico de Théó Brandão. 2019. 171 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/5818> . Acesso em: 26 maio 2022.

TARGINO, M. G; TORRES, N. H. Comunicação científica além da ciência. **Ação midiática**, Curitiba, n. 7, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/36899> . Acesso em: 9 nov. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Museu de História Natural**. 2022b. Disponível em: <https://ufal.br/ufal/extensao/equipamentos-culturais/museus/museu-de-historia-natural>. Acesso em: 23 mar. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore**. 2022a. Disponível em: <https://ufal.br/ufal/extensao/equipamentos-culturais/museus/museu-theo-brandao> . Acesso em: 23 mar. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Relatório da II Expedição do baixo São Francisco**. Maceió: UFAL, 2019. Disponível em: <https://ufal.br/ufal/pesquisa-e-inovacao/programas/expedicao-cientifica-do-rio-sao-francisco/publicacoes/relatorio-final-ii-expedicao-cientifica.pdf/view> . Acesso em: 09 jul. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Relatórios parciais e resumos das atividades de pesquisas realizadas durante a 4ª expedição científica do BSF – 2021**. Maceió: UFAL, 2021. Disponível em: <https://ufal.br/ufal/pesquisa-e-inovacao/programas/expedicao-cientifica-do-rio-sao-francisco/publicacoes/relatorio-parcial-iv-expedicao-cientifica.pdf/view>. Acesso em: 09 jul. 2022.